

O Homem da Cidade e das Serras

Osmundo Pontes

Eça de Queiroz, através de grande parte de sua obra, impõe-se como legítimo e excepcional intérprete de Lisboa do fim do século passado, dos mais típicos ângulos da sua paisagem urbana e social, bem como de seus costumes e tradições. Não obstante, nasceu em Póvoa de Varzim, cidade que visitamos em sua homenagem, tendo vivido metade de sua infância em Verdemilho, na região do Aveiro e, depois, num colégio do Porto.

Estudou em Coimbra, numa época em que a figura atuante de Antero de Quental arrebou toda a juventude universitária da Lusa Atenas. Essa mesma mocidade vibrante e fogosa envolveu também, e de modo especial, o autor de "Os Maias" e "O Primo Basílio".

Em Lisboa, já formado, Eça adquire dura experiência jornalística como diretor do "Distrito", órgão por ele fundado quando de sua estada na capital alentejana. Em seguida, resolve exercer a advocacia, mas nesta não pôde realizar-se pois seu primeiro cliente foi condenado...

Depois, entrou, em Aveiro, para o funcionalismo público. E mais uma vez seu espírito inquieto e belicoso não se ajustou à burocracia, havendo abandonado o cargo. Abraça, então, a carreira diplomática e vai de terra em terra, com armas e bagagens: Havana, Londres e, por fim, Paris.

Em 16 de agosto de 1900 falece em Montreaux, vítima da doença que já arrebou seus irmãos: a tuberculose.

Houve quem condenasse Eça por não ter professado a escola clássica, ou melhor, não haver seguido de perto os estilos de Castilho, Garret, Camilo e Herculano. No entanto, a luta contra o conservantismo não se fazia só em Portugal, uma vez que já

eclodira, com maior vigor, em outros meios, principalmente na França, com os mestres Balzac, Flaubert, Zola.

Eça é o inimitável. Escritor modelo para as gerações de seu tempo, ainda o é para as que o sucederam. Dentro da comunidade de línguas neo-latinas, moldou uma literatura mais ágil, sutil e correntia, sempre evocada e sempre atual pela forma clara e beleza inconfundível.

Por feliz coincidência, estivemos presentes ao justo tributo prestado à memória do autor de “A Ilustre Casa de Ramires” pela cidade de Lisboa.

Evocativa lápide foi colocada num prédio do Rossio, onde ele iniciara sua carreira de escritor.

A menina Isabel Maria Eça de Queiroz, sua bisneta, descerrou-a e o orador que interpretou os sentimentos do povo e das autoridades presentes aludiu à história da casa em cuja fachada voltava a luzir, gravada pela mão dos pósteros, o aureolado nome do grande filho de Portugal:

— Aqui morou. Aqui teve seu escritório de advogado. Aqui redigiu os folhetins para a “Gazeta de Portugal”. Aqui passava a maior parte de suas férias, quando diplomata.

E conjecturamos: Eça, agora, já não daquelas janelas, mas das janelas da imortalidade, continuará a ver e a namorar Lisboa...

Não fôra essa placa a primeira ou única homenagem prestada, em Lisboa ao epistológrafo de “Cartas da Inglaterra”. Muitas outras se enfileiraram: o monumento erguido no Largo do Quintela; a rua, por sinal modestíssima, a que deram seu nome; a exposição que se levou a cabo na passagem do centenário de seu nascimento; a emissão de cédulas de dez escudos feita pelo Banco de Portugal, com sua efígie; artigos, livros, discursos, conferências, num mundo de motivos nobres para perpetuar-lhe a lembrança.

Eça de Queiroz empolgou intelectuais de diversos países, notadamente os brasileiros. A quantidade de publicações a seu

respeito é de impressionar. Quem quer que fale o português e o desconheça não se recomenda. Ignorar-lhe os trabalhos e as imagens literárias é demonstrar pouco convívio com os mestres da língua.

Para os brasileiros que, como nós, tiveram a ventura de palmilhar, em várias oportunidades, o rico chão português, remontando geográfica e espiritualmente às suas origens, é delicioso o contacto direto com aquelas mesmas paragens vividas e escritas por Eça de Queiroz, o homem social, ultra-metropolitano que adorava integrar-se na alma das serras.

Em Paris, recordávamos, sem querer, insistentemente, o célebre 202, nos Campos Elysios, onde “Jacinto nascera”. E, em Portugal, não nos sai da mente Tormes. Cada serra da maravilhosa terra lusa nos fala das imperecíveis páginas sobre a velha quinta e seus arredores.

“Para os vales, poderosamente cavados; desciam bandos de arvoredos; tão copados e redondos, d’um verde tão moço que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar. Dos pendores sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amável, a que o esvoaçar leve dos pássaros sacudia a fragrância. Através dos muros seculares, que sustêm as terras, lidas pelas heras, rompiam grossas raízes coleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a sólida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como proas de galeras enfeitadas; e, de entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgara, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeara nas telhas. Por toda a parte a água sussurrante, a água fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da água e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios diretos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das altu-

ras aos barrancos; e muita fonte, posta à beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficemente, à espera dos homens e dos gados...”

Isso não é descrição: é tela. Mais que uma tela. É Eça de Queiroz, taumaturgo das letras de aquém e além mar, removendo montanhas para dentro de casa, para dentro de nós, para dentro da atualidade, no milagre da sua prodigiosa pena.